EM FOCO

A LUTA DE LIBERTAÇÃO FOI A GRANDE FORJA DA UNIDADE NACIONAL

Marcelino dos Santos explica a I Tese ao IV Congresso

O programa radiofónico do Partido VOZ DA FRELIMO, transmitido todas as quartas feiras, começou a divulgar a explicação das Teses ao IV Congresso, através de entrevistas feitas aos membros do Bureau Político.

Publicamos a seguir a explicação da primeira Tese feita por Marcelino dos Santos, membro do Bureau Político e Secretário para a Política Económica do Partido Frelimo.



Marcelino dos Santos

A Luta de Libertação foi a grande forja da unidade nacional e ao

mesmo tempo do processo revolucionário do nosso País. Isto foi possível por duas razões principais: a primeira de carácter popular e democrático da Direcção da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. Popular porque a maioria dos dirigentes tinham origem popular quer seja camponesa, quer operária, mas também porque conheciam profundamente a vida do Povo, seus problemas, conheciam a cultura popular e finalmente porque identificam os seus problemas com os do Povo. Mas concretamente devo dizer que para a maioria dos dirigentes da FRELIMO os seus interesses eram os do Povo.

O carácter democrático da Direcção da FRELIMO traduzia-se nos métodos utilizados, eram sempro de trabalho colectivo e da vida colectiva. Este carácter democrático permitiu a participação integral da população na luta, quer dizer, todos aqueles que deviam

participar na execução das diversas tarefas, participavam também nas reuniões da sua preparação e mesmo da sua concepção. Foi assim, durante a preparação das condições para o desencadeamento da Luta Armada, quando era preciso fazer «stocks» de comida para quando chegassem os guerrilheiros, quer quando era necessário organizar os lugares onde armazenar essa comida: o milho, a mandioca e outros produtos, lugares onde deveriam alojar-se também os próprios guerrilheiros. E assim, nós fomos crescendo, os guerrilheiros e a população em geral, discutindo colectivamente as questões da produção o que produzir, milho, feijão, arroz, onde produzir, porque como todos sabem era preciso defender a produção das acções do inimigo. Essas acções eram ou os próprios soldados do exército colonial fascista que vinham roubar a produção da população ou bombardeavam os pró-

prios campos de produção. Era preciso determinar onde construir as casas e as povoações para que as populações se pudessem proteger contra os bombardeamentos do inimigo. Era necessário determinar onde colocar o hospital, como organizar o transporte militar, material escolar e medicamentos. Como organizar o transporte de feridos que não podiam ser tratados dentro do país ou melhor que só poderiam ter uns primeiros tratamentos e o resto do tratamento deveria continuar num dos nossos hospitais em Mutwara, na Tanzania ou então mesmo noutros hospitais muito mais longe, como nos países socialistas onde nós tivemos muitos camaradas onde foram tratados.

O CARÁCTER POPULAR DA LUTA

Os problemas de guerra eram, pois, discutidos entre guerrilheiros e o resto da população. Quando nós dizemos o resto da população queremos dizer aqueles que estavam engajados nas tarefas da produção, nas escolas, nos hospitais, porque isso é nossa história. Todos nós sabemos que durante a guerra cada um tinha a sua tarefa: havia aqueles que estavam com a tarefa de ter armas na mão, portanto eram os próprios guerrilheiros, e havia aqueles que tinham a tarefa de produção, outros que eram alunos, professores, outros que se encarregavam dos transportes dos diversos tipos de material, como dissemos ainda há pouco, material de guerra, medicamentos, etc., etc.

Foi devido a este carácter popular nos objectivos, nos métodos, que se consolidou a unidade nacional, a unidade de todas as classes trabalhadoras, a unidade do Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo. E foi este mesmo carácter popular que levou ao desmascaramento daqueles que estavam na FRELIMO com o objectivo de conquistar a Independência mas para eles próprios se substituirem aos colonialistas portugueses e manter o capitalismo. Aqui queremo-nos referir ao grupo dos Simangos, Khavandames, Guengeres e Joanas. O que é que teria acontecido se esse grupo tivesse triunfado? Teria acontecido muito simplesmente

Provincias e distritos estudam teses

O calendário dos seminários provinciais de estudo e divulgação das teses ao IV Congresso e da preparação das respectivas brigadas, tem vindo a ser cumprido em todo o Pais, começando já a estender se, em algumas provincias, aos distritos

Na provincia do Maputo, por exemplo, Jacinto Veloso, membro do Bureau Político do Partido Frelimo e Ministro da Segurança, dirigiu no distrito da Manbiça o seminário respectivo, tendo afirmado na sessão de abertura: «Temos que encontrar as propostas para resolver os problemas do nosso distrito» — numa alusão à ideia de que o estudo das teses visa análisar a situação do País, e perspectivar as soluções adequadas.

Enquanto isto, em Chimoio, a membro do Bureau Político do Partido Frelimo e Ministra do Plano, Mário Machango, afirmou na fim da samana passada, que «o astudo do Projecto das Teses aa IV Congresso implica necessariamente a revitalização das células do Partido», que naquela Provincia marca o inicio do processo de estudo e divulgação das teses e que com a discussão se pretende uma maior ligação dos militantes, com o Povo A utilização das meios locais para a solução dos problemas foi recomendada, especialmente, às brigadas que conduzirão o processo de divulgação e discussão das teses, junto das populações.

Ainda no âmbito da realização de seminários provinciais, o membro do Comité Central e Ministro da Informação, José Luís Cabaço, afirmou em Cabo Delgado que «nesta importante acção de balanço e detecção de problemas deve ser prestada especial atenção à situação interna do Partido».

Aquele dirigente enfatizau também que o estudo das teses era um importante momento de levantamento da situação do País, e considerou que o objectivo central deste processo é, criar condições para que toda a população interiorize e assuma as Teses como um instrumento de resolução dos seus problemas. O Ministro José Luís Cabaço, que festejou com os trabalhadores da RM, em Pemba, o sétimo aniversário da sua criação, exortou na ocasião os trabalhadores, para que se envolvam nos preparativos do IV Congresso do Partido Frelimo.

Noutras provincias prosseguem também os trabalhos de preparação do IV Congresso, tendo sido destacados para aquelas, altos dirigentes do Partido Frelimo.

Aos seminários provinciais seguir-se-ão os distritais, como é o caso da Manhiça, os de localidade e circulos respectivamente.

que Moçambique não seria hoje República Popular. Seria sim, uma independência falsa, dependente do capitalismo internacional e, esse grupo reaccionário estaria hoje intimamente ligado aos antigos patrões coloniais, como o provam as ligações que alguns deles tiveram com os governadores coloniais e a adesão de Simango ao golpe da tomada da Rádio em Maputo, então Lourenço Marques, no 7 de Setembro de 1974. Esta é, infelizmente, a realidade de muitos países em África mas também noutros lugares do mundo. O poder está nas mãos de uma minoria de exploradores intimamente ligada e dependente do Imperialismo.

TRIUNFO DA LINHA REVOLUCIONÁRIA

Portanto, no nosso país, o carácter popular da Luta de Libertação pôs a nu as contradições no seio da Direcção da FRELIMO. Foi uma luta dura feita com sangue, o povo triunfou, mas alguns dos melhores filhos cairam e caiu em especial o primeiro Presidente da Frente de Libertação de Moçambique e construtor da Unidade Nacional, Eduardo Chivambo Mondlane, e este é o capítulo da História da nossa luta conhecida como o conflito das duas linhas no seio da FRELIMO.

A linha revolucionária triunfou e sob a direcção do Camarada Presidente Samora Machel ergueu-se uma direcção homogénea e ideologicamente unida, que fez da luta armada uma luta armada revolucionária de Libertação Nacional. Assim avançámos até à grande conquista, à independência nacional. E porque é ane dizemos que a independência nacional é a prais importante das nossas conquistas? É porque com a independência nacional nós estávamos então já em condições, todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo, de materializar as razões da luta. E foi portanto uma independência que nos deu um hino, uma bandeira, uma pátria e um governo moçambicano. E porque era popular, porque era realmente moçambicana, iniciou-se imediatamente a materialização das razões porque tínhamos lutado. Assim, 29 dias ape-



Durante a Luta Armada havia os que combatiam de armas na mão, se os que se encarregavam do transporte dos diversos tipos de material

nas, após a nossa independência, em 24 de Julho de 1975, nacionalizámos a terra, a saúde, a educação, acabámos com a advocacia privada e com a exploração vergonhosa e terrível das agências funerárias. Procedemos à nacionalização, posteriormente, dos prédios de rendimento e destruímos o aparelho colonial fascista. Hoje milhares das nossas mamanas dão à luz os seus filhos em maternidades e têm dois meses de férias de parto. Hoje uma operação custa apenas 7,50 MT e todos nós lembramos que no tempo colonial uma operação simples como a da apendicite não custava menos de 4 contos

Os filhos dos trabalhadores, dos camponeses e dos operários podem ir à escola desde a primária até à Universidade. No momento da Independência havia cerca de 500 mil alunos no ensino primário, agora já há 2 milhões, quer dizer, quatro vezes mais. Estes são alguns exemplos dos resultados da nossa independência e estes exemplos são a expressão da linha correcta da Frente de Libertação de Moçambique, do papel activo e consequente, esclarecido da sua direcção e da participação massiva, consciente do povo inteiro do Rovuma ao Maputo na Luta de Libertação Nacional e agora na fase da consolidação da independência. É isto que mostra a essência popular e revolucionária da nossa independência, é isto que mostra a natureza socialista da revolução e do poder que a revolução criou.

No processo da materialização das razões da nossa luta, das razões porque nós lutámos, isto é, da materialização dos interesses fundamentais das classes trabalhadoras liquidámos o poder económico da burguesia colonial. O nosso estado popular dirige agora as grandes empresas fundamentais, estratégicas, industriais, mineiras, agrícolas, dirige o comércio externo, o sistema de transportes e comunicações, a banca e os seguros.

CRIAÇÃO DO PARTIDO: UMA EXIGÊNCIA DO PROCESSO

O processo revolucionário iniciado com a Frente de Libertação de Moçambique, para continuar, exigiu a transformação da Frente em Partido. Quando temos sede, buscamos água, não é verdade? A nossa história, a nossa prática do nosso próprio destino mostrou-nos que consolidar a independência, desenvolver a liberdade, significava ou tinha que significar obrigatoriamente, edificar o socialismo. Por isso, o III Congresso decidiu criar o Partido Frelimo instrumento fundamental para garantir a direcção do processo revolucionário do nosso País, na materialização da estratégia da edificação do socialismo.

Assim criámos o nosso Partido e as Organizações Democráticas de Massas e neste aspecto é muito importante compreender a profunda unidade que existe entre o Partido e as Organizações Democráticas de Massas. O Partido Frelimo é o Partido de todo o Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo.

Mas então como é isso? Se nem todos nós somos membros do Partido como é que podemos dizer que então o Partido Frelimo, é o Partido do Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo? Todos nós sabemos como é que se processou a estruturação do Partido. Em cada lugar de trabalho, em cada lugar de residência, em várias reuniões nós os trabalhadores, nós moçambicanos, escolhemos aqueles que de entre nós tinham qualidades para serem membros do Partido para assegurarem a linha da Frente. Para que todos os outros pudessem estar organizados e, sobretudo, pudessem viver o processo revolucionário e crescerem, para poderem ser membros do Partido. criámos as Organizações Democráticas de Massas.

As ODMs são formas de nos organizarmos para ganharmos novas qualidades que nos permitam, finalmente, sermos também membros do Partido. As Organizações Democráticas de Massas são, por isso, também braços do Partido. Desenvolvemos a Organização da Mulher Moçambicana, criámos os Conselho de Produção, a Organização da Juventude Moçambicana, a Organização Nacional dos Professores, a Organização Nacional dos Jornalistas e a AMASP (Associação Moçambicana de Amizade e Solidariedade com os Povos) e muito recentemente ainda a Associação dos Escritores Moçambicanos e estamos certos que outras mais Organizações Democráticas de Massas serão criadas.

DEMOCRACIA E SOCIALISMO

Ao nível do Estado, criámos os órgãos supremos em cada escalão. quer dizer as Assembleias do Povo e as Assembleias do Povo são o Povo a tratar dos problemas da produção, da agricultura, das machambas, das cooperativas, das fábricas das escolas, dos hospitais. É o povo ele próprio a tratar dos problemas da água e como resolver o abastecimento. É o povo a tratar dos tribunais populares e da legalidade revolucionária. É o povo a discutir como organizar-se na luta contra os bandos armados. recrutados, treinados pelo regime minoritário da África do Sul, regime de «Apartheid», destacamento avançado do Imperialismo na África Austral. Ao fazermos isto, nós estamos a fazer democracia. estamos a viver a democracia, estamos a construir a liberdade real, a democracia real que só é completa quando cada homem é um homem consciente daquilo que ele significa individual e colectivamente. Quando cada homem sabe aquilo que é necessário fazer, como fazer e materializar as decisões que ele próprio toma.

Construimos a nossa Independência e a partir daí todos juntos unidos do Rovuma ao Maputo avançamos na edificação do Socialismo. Para continuar essa marcha, para alargarmos e aprofundarmos essas conquistos hoje mais do que ontem permaneceremos unidos, mobilizados e organizados em todas as frentes e sempre guiados e dirigidos pelo nosso Partido Frelimo. Esta é e permanecerá a nossa resposta. A resposta da história em Moçambique às exigências da Revolução e do Socialismo.